EWA ŁUKASZYK, *Imperium i nostalgia. "Styl późny" w kulturze portugalskiej*, Warszawa, Wydawnictwo DIG, 2015, 175 pp.

DOI 10.19195/2084-2546.24.21

As perguntas pela natureza da identidade portuguesa reaparecem com regularidade nas discussões sobre o estado da cultura lusa. Começando pelas crônicas medievais que descobrem os contextos da formação do primeiro Reino de Portugal, passando pela obra extraordinária de Camões quem constrói no século XVI toda a mitologia nacional, e pelas aproximações filosóficas sobre a Nação do jesuíta António Vieira, o discurso ganha força no período dinâmico dos debates modernos sobre a forma do Estado, realizados pelas gerações sucessivas dos literatos, artistas e pensadores. As polémicas da Geração de 70, patrocinadas por Eça de Queirós e Antero de Quental, entre outros, sobre a condição da cultura e dos portugueses foram muito além das questões literárias e abriram um espaço para as propostas ousadas dos modernistas que juntaram numa corrente os conceitos artísticos —principalmente poéticos— e sociais de Fernando Pessoa, Almada Negreiros ou Mário de Sá-Carneiro, membros da famosa Geração d'Orpheu. O período do Estado Novo ignorou completamente a polifonia das vozes sobre a identidade nacional e, especialmente nos anos 40 do século passado, promoveu a visão unificada da Nação e do Estado representados pela ideia reformulada —de acordo com o ideário salazarista— do Império. Só com o fim da ditadura na metade dos anos 70, a discussão oficialmente inclui as vozes antagonistas, muda a sua orientação e contesta os conceitos anteriores; nesta perspetiva destacam os nomes de Eduardo Lourenço, uma referência incontornável para a filosofia e ensaística portuguesa contemporânea, ou de José Saramago, o único Prémio Nobel da literatura portuguesa.

Praticamente todos os nomes ou correntes mencionados no parágrafo anterior têm em comum a sua presença nas análises e revisões dedicadas à cultura lusa. Sem o seu conhecimento, qualquer tipo de aprofundamento nos trabalhos sobre a identidade do país torna-se incompleto. Desde a perspetiva polaca, a cultura portuguesa parece um fenómeno distante e limitado —se não ignorado em total— na consciência popular. Por isso, os estudos dos investigadores polacos com o objetivo de aproximar ou até “decifrar” a cultura desconhecida, merecem muita atenção e ainda mais divulgação. Este é o caso de Ewa Łukaszyk, professora da Universidade de Varsóvia, cuja contribuição importante para as Humanidades, especialmente para a ótica transcultural, incorpora uma vertente significativa relacionada com os Estudos Portugueses.

A última publicação da investigadora reúne, como ela mesma observa no prefácio, um ciclo de ensaios em torno da obra tardia de Saramago, através da qual o leitor obtém uma chave não só para compreender um fragmento da cultura portuguesa atual, mas também uma lente para focalizar nos motivos estudados num panorama cronológico mais amplo. Os motivos portugueses

estão incorporados no problema do “estilo tardio” explicado por Edward Said no contexto da última fase da obra do nobel português e da decadência de um grande ciclo cultural do país. Assim, o livro junta algumas das reflexões nascidas durante a realização do projeto de investigação da autora. Mas, além do eixo principal, concentrado na perspectiva lusa, *Imperium i nostalgia...* oferece muito mais a um leitor interessado pelas novas direções das Humanidades Contemporâneas. O prefácio mencionado explica detalhadamente os elementos constituintes da publicação e as motivações da investigadora, principalmente as transdisciplinares. É, ao mesmo tempo, uma orientação metodológica complexa e identificação do quadro teórico e da sua condição atual.

Em oito ensaios resumem-se ideais e conceitos para os quais um denominador comum torna-se a obra tardia do escritor português. O “estilo tardio” do escritor reflete tanto as suas experiências como a amargura destas, vistas na perspectiva das faltas da harmonia e da verdade definitiva na vida, efeitos do caos que determina a realidade contemporânea. A amargura e a crítica convertem-se na rutura, às vezes provocativa, com o passado (p. 22–30). No caso português, a herança cultural dos séculos transcorridos tem o seu peso: o conceito imperial que permanece vivo desde a época de Camões, com as mudanças óbvias e significativas na sua interpretação. A ideia estende-se além da unificação total devido à bagagem cultural das descobertas, colónias e vizinhanças, o que exige uma operação muito mais complexa e matizada. O mito pode também transformar-se numa ferramenta de poder (p. 83), o que teve lugar na primeira metade do século XX.

As observações sobre Portugal na perspectiva ampla das Humanidades tomam uma forma de distintas reflexões que, de forma contínua, passam nos ensaios seguintes. A autora leva os leitores num percurso erudito e muito interessante através da cultura lusa e seus contextos europeus. Não obstante, a orientação básica no assunto parece útil na receção plena e autónoma da publicação. A linha de observação das reinvenções e evoluções dos motivos formativos da identidade portuguesa traduz-se na narração atrativa e eficazmente realizada, entre um discurso científico e um quadro literário. Também a edição do tomo, simples, elegante e impecável, deixa ao leitor concentrar-se nos conteúdos.

O único descuido é o comentário dedicado à Exposição do Mundo Português, um ponto de referência para a análise do significado da posição de Portugal na História Geral (p. 115). Na realidade, o evento —ponto central das comemorações do Duplo Centenário, da Fundação do Estado Português em 1140 e da Restauração da Independência em 1640— teve lugar em 1940, e não, como o apresenta o livro, em 1942. Além disso, o mapa com o famoso lema “Portugal não é um país pequeno” não foi preparado para esse acontecimento, porque já em 1934 tinha formado parte da ideografia da Exposição Colonial no Porto. A exibição dedicava-se quase exclusivamente à consolidação do conceito do Império Colonial Português, realizado desde os primeiros dias do Estado Novo com muito compromisso político. Neste lugar vale

a pena mencionar que as mudanças no discurso ideológico do salazarismo —provocadas pela política internacional após a Segunda Guerra Mundial— implicavam as interessantes “acrobacias” teóricas em torno do conceito do Império, e uma das suas “vítimas” tornou-se também Gilberto Freyre, o pai do lusotropicalismo. A investigadora polaca não dedica muito espaço ao estudo detalhado da evolução da ideia do Império no período do Estado Novo; com certeza seriam umas observações de grande valor.

Como repara a investigadora, a imagem da cultura lusa na consciência geral pouco a pouco sai dos estereótipos. Sem embargo, não tem ainda o nível de identificação e reconhecimento como, por exemplo, as comunidades francófonas; o estudo sinaliza uma comparação provável entre a lusofonia e francofonia (p. 99). Por isso, cada publicação dedicada a expandir horizontes sobre Portugal no contexto das Humanidades Contemporâneas deveria atrair atenção e chegar aos seus leitores. Os projetos realizados por Ewa Łukaszyk, entre eles o último, *Imperium i nostalgia...*, representam esta tendência em crescimento por excelência.

Anna Olchówka
(Uniwersytet Wrocławski)